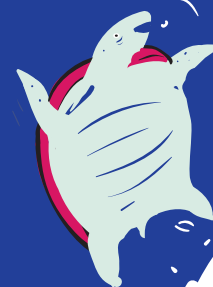
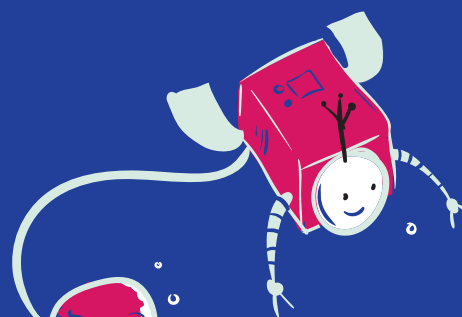


UMA VIAGEM PELOS TESOUROS DO MAR

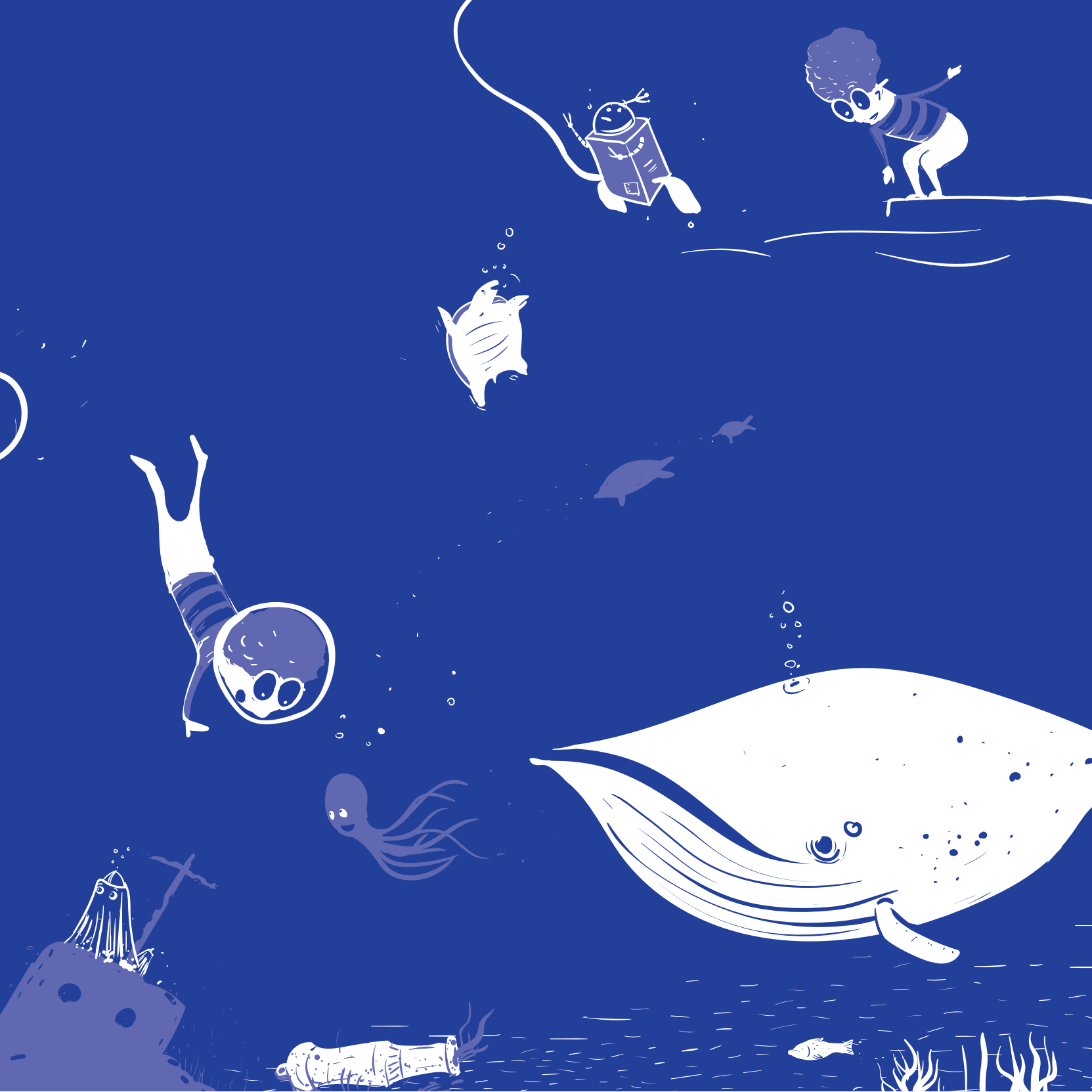
Texto de Sandra de Sousa Bairos

Ilustrações de Luís Brum





UMA VIAGEM PELOS TESOUROS DO MAR





UMA VIAGEM PELOS TESOUROS DO MAR

Texto de **Sandra de Sousa Bairos**

Ilustrações de **Luís Brum**

UMA VIAGEM PELOS TESOUROS DO MAR



TEXTO

Sandra de Sousa Bairos

ILUSTRAÇÃO

Luís Brum

ASSESSOR CIENTÍFICO

José Luís Neto

REVISÃO TÉCNICA

Direção Regional da Cultura
e Filomena Faria

REVISÃO CIENTÍFICA

Pedro Parreira e João Gonçalves Araújo

EDIÇÃO

Direção Regional da Cultura/
Secretaria Regional da Educação e Cultura/
Governo Regional dos Açores

DESIGN/ IMPRESSÃO

Bizex Projetos

ISBN

978-972-647-353-4

DEPÓSITO LEGAL

450480/18

Todos os direitos reservados.

Edição/

No âmbito do projeto/

Cofinanciamento/



OLHOS AMIGOS

Por loucos sonhos juvenis levado
Um dia, por meu mal,
Abandonei meu lar idolatrado
E o meu país natal.

Num gracioso bergantim ligeiro
De velas enfunadas,
Parti em busca (ingênuo aventureiro!)
De terras encantadas...

Mas quando ao largo a embarcação se fez
Veloz como uma asa,
Vi branquear ao longe ainda uma vez
A minha pobre casa

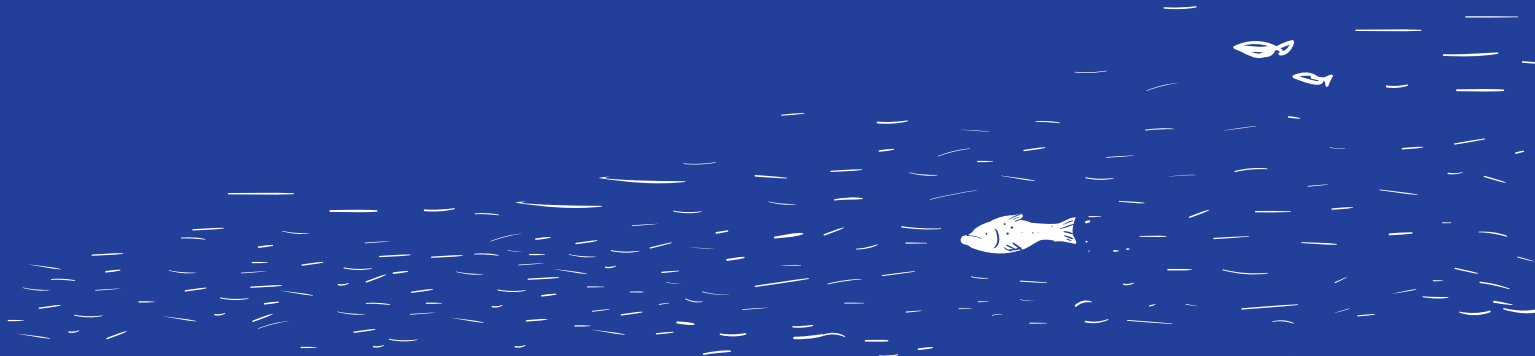
Entre searas verdes e viçosas,
De frente para o mar,
As janelas fitando-me, saudosas,
Como humano olhar...

Parti, sofri no pélago inconstante
Trabalhos, vendavais;
Contemplei as feerías do levante
E os gelos boreais.

Mas nunca em minha mente se deliu
Esse momento amargo
Em que, de pé na tolda dum navio,
Fazendo-me ao mar largo,

Lá ao longe, nos campos viridentes
Essas janelas tristes descobria,
Como dois grandes olhos conscientes,
Dizendo adeus ao barco que fugia...

Roberto de Mesquita,
Almas Cativas e Poemas Dispersos



**UMA VIAGEM
PELOS TESOUROS
DO MAR**

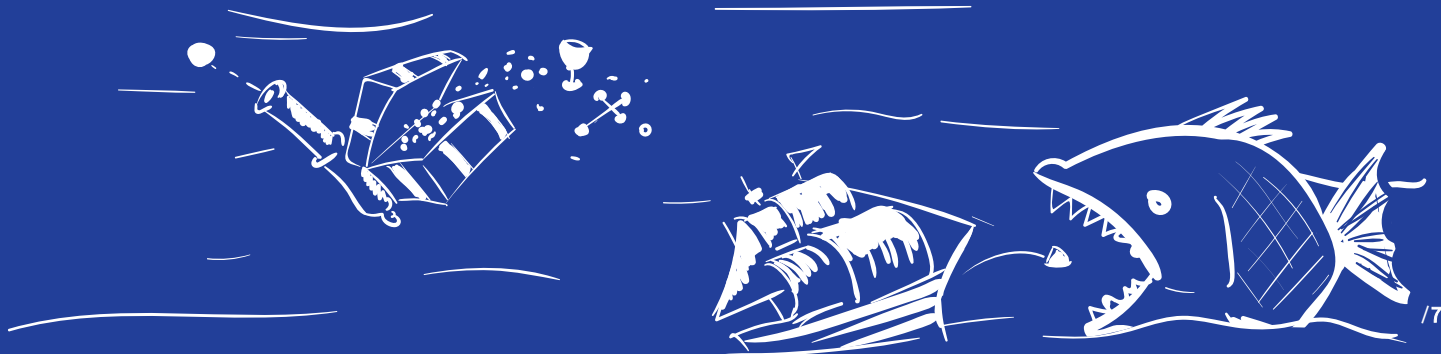
UMA VIAGEM
PELOS TESOUROS
DO MAR



Todos os dias, depois das aulas, lá estava Tito no cais da vila, sentado nos degraus da ponta do molhe, ao lado do farol, no mesmo lugar onde tantas vezes tinha esperado pelo seu avô Doraço, pescador de profissão, embora nunca lhe tivessem reconhecido dotes piscatórios.

E ali ficava a falar para o mar.

Desde o desaparecimento do avô que Tito transformara as idas ao cais num ritual diário, levando a que os seus colegas e os moradores das redondezas do cais se referissem a ele como o *menino do mar*.



Tito tinha uma grande admiração pelo avô. Adorava as histórias que contava, desde aquelas sobre embarcações naufragadas cheias de tesouros, às de batalhas com o mar revoltoso e às de peixes gigantes que, escondidos em barcos afundados, aterrorizavam os pescadores. O modo como o avô contava as histórias encantava pequenos e grandes. Esbracejava, gesticulava e falava como se estivesse em cena. Sempre que regressava de viagens era assim: passava longas horas, na cadeira de baloiço do alpendre, a contar as suas aventuras mareantes aos transeuntes que passavam em frente da sua casa e que ali paravam para o ouvir. É certo que nem todos acreditavam no que era relatado e, muitas vezes, Tito sofreu ao ouvir comentários desagradáveis dos colegas, que faziam chacota das historietas do seu avô e, do facto de, como pescador, nunca lhe terem visto o pescado.

— Nunca vi pescador que não pesca! — diziam uns.

— Diz que pesca, pesca, pesca, mas não lhe vemos a faina — falavam outros.

— Peixes gigantes em barcos naufragados! — zombavam uns.

— Passa dias no mar e volta para casa sem pescado! — troçavam outros.

O encantamento provocado pelas histórias despertou em Tito uma busca incessante por tudo o que estivesse relacionado com o mar, principalmente, a descoberta dos tesouros

subaquáticos de que o avô falava. Sonhava em ver, com os seus próprios olhos, esses tesouros guardados no fundo do mar e perceber porque é que o avô dizia muitas vezes, «Tito, há tesouros do mar que são para ficar no mar». Tinha, também, a intenção de mostrar a veracidade das descrições do avô aos que diziam que aquelas histórias não passavam da imaginação de um velho pescador.

As conversas com o mar eram sobre as descobertas e explorações que realizava nas suas idas à biblioteca e em pesquisas na internet. E, assim, passava horas naquele monólogo. O que Tito não sabia, é que estava a ser observado por duas criaturas que, sensibilizadas e comovidas pelas suas palavras de veneração ao mar e ao avô e pescador Doraço, se aproximavam todos os dias do cais para o ouvir.

Certo dia, estava Tito, no lugar de sempre, a falar de um programa de televisão sobre caçadores subaquáticos que desciam às profundezas dos mares dos Açores em busca de tesouros, quando ouviu um barulho.

— Oh, não!

Olhou para todos os lados, mas não viu ninguém. Assustado, perguntou: — Está aí alguém? — não obteve resposta. Mas insistiu — Quem está aí? Eu sei que está aí alguém... — repetiu.

Foi então que, do mar, emergiram duas criaturas: uma tartaruga-boba e uma outra criatura de forma estranha, cor metálica e antenas.

Timidamente, disseram em coro — Olá.

— Quem são vocês? — perguntou Tito.

Respondeu sem hesitar a criatura metálica — Eu sou o Strike e esta é a Tamar, a minha amiga tartaruga-boba. Tu és o Tito, o neto do Doraço.



— Sim, sou. Como é que sabes? — questionou Tito, surpreendido com o facto de aquela criatura saber o seu nome e o seu parentesco com Doraço.

— O teu avô era um homem do mar e nós vivemos no mar e foram muitas as vezes que nos cruzámos nas suas pescarias. Ele também nos conhecia — rematou Tamar.

— Também vos conhecia!? Como? — perguntou Tito surpreendido com tal revelação.

— Ah, isso é uma longa história! O que podemos dizer é que, todas as histórias que o ouviste contar são autênticas e verdadeiras, — esclareceu Strike e continuou — e nunca te sintas incomodado com os comentários desagradáveis de algumas pessoas porque elas falam do que não sabem.

— Mas... e vocês quem são? — curioso continuou Tito.

Começou Strike — Durante anos, fui o *robot* da expedição *Nicolaus*. Captava imagens e recolhia amostras do fundo do mar dos Açores para apoiar os cientistas no estudo de fontes hidrotermais. Daí o meu nome, Strike, do *Lucky Strike*, o nome de um campo hidrotermal dos Açores. Certo dia, descobri que o objetivo daquela expedição não era estudar fontes hidrotermais, mas sim, procurar tesouros perdidos em barcos naufragados e que os cientistas, afinal, eram piratas.

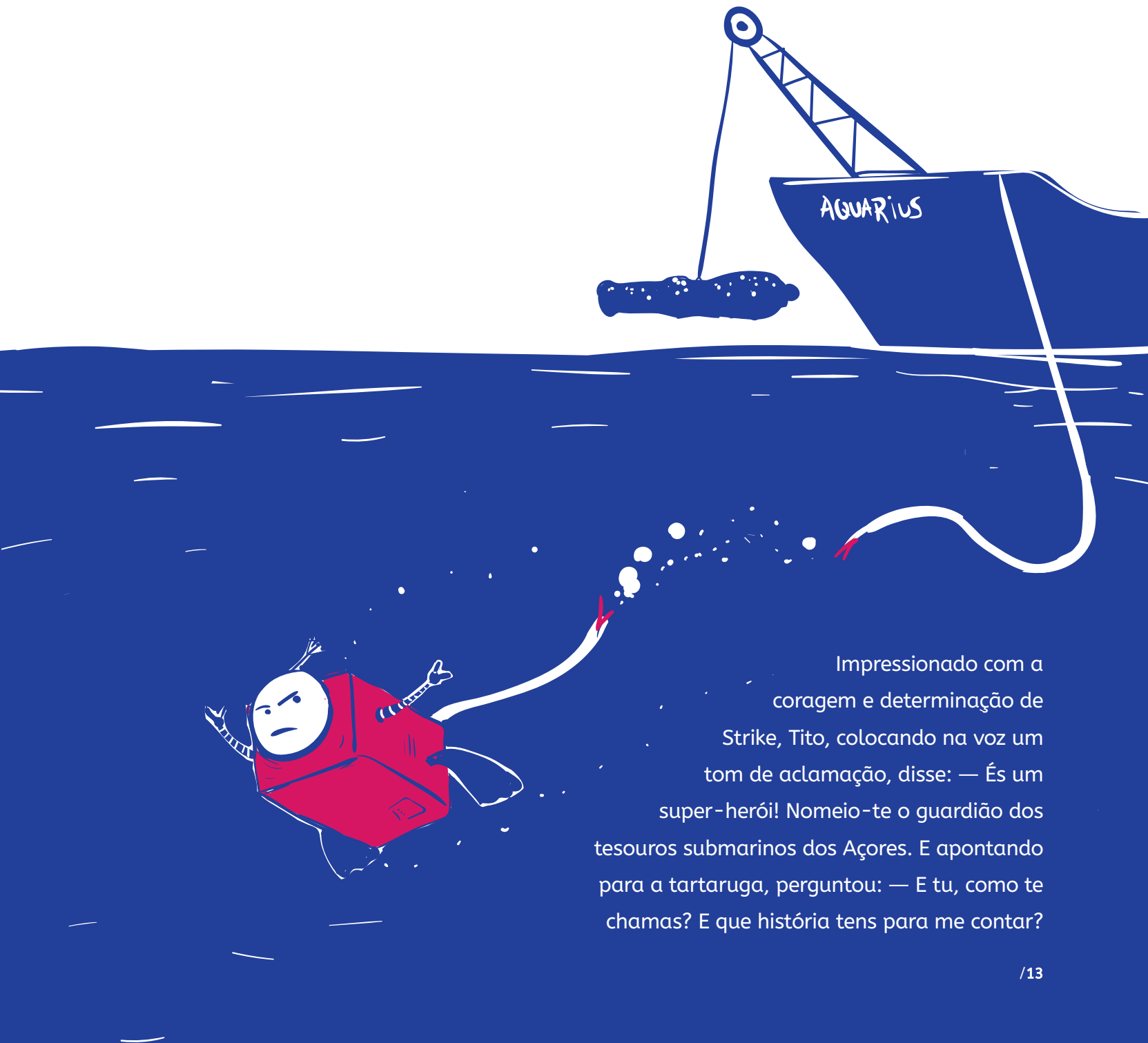
— Piratas! Que tesouros queriam? — aflito, interrompeu Tito.

— Sabes, Tito, durante séculos, por este mar, cruzaram muitos barcos, uns que faziam as rotas do Oriente e da América, outros que participaram no tráfico de escravos e outros tantos que cruzavam o Atlântico em comboios navais, rumo a conflitos bélicos.

No entanto, nem todos chegaram ao seu destino e naufragaram no nosso mar. Os piratas subaquáticos procuram muitos dos utensílios, artefactos ou metais preciosos dessas embarcações, para venderem a colecionadores ou simplesmente para enriquecerem os seus museus particulares — explicava Strike num tom exaltado.

— Mas isso é crime! — disse Tito num tom indignado.

— Por isso, ao aperceber-me de que não era uma expedição científica, mas sim um saque, libertei-me do cabo que me prendia à embarcação dos piratas e por aqui fiquei, com o objetivo de proteger todos os tesouros deste mar — justificou Strike.



Impressionado com a coragem e determinação de Strike, Tito, colocando na voz um tom de aclamação, disse: — És um super-herói! Nomeio-te o guardião dos tesouros submarinos dos Açores. E apontando para a tartaruga, perguntou: — E tu, como te chamas? E que história tens para me contar?



Timidamente, respondeu: — Eu sou a Tamar e, acidentalmente, fiquei pelos Açores.

— Acidentalmente!?

— Sim. Depois de ingerir plástico, fiquei doente e acabei por ficar presa nas redes de pesca. Felizmente, fui recuperada pelo teu avô, que me entregou a um grupo de naturalistas responsáveis por um projeto chamado TAMAR, que recupera tartarugas feridas ou em risco de vida. Foram eles que trataram de mim e me devolveram ao mar, não sem antes me batizarem Tamar, claro.

Tito, interrompendo Tamar, perguntou: — O que te fez ficar por cá? Porque não regressaste à tua terra?

— Sabes, Tito, como não recuperei totalmente, acabei por ir adiando a viagem de regresso à Florida. O tempo foi passando e fiquei velha para longas viagens — entristecida, justificou Tamar. E continuou, agora num tom mais alegre: — Agora esta é a minha casa e os meus amigos são a minha família.

— Oh! Peço desculpa pela pergunta. Não queria que ficasses triste! — desculpou-se Tito.

— Não tens que pedir desculpa, Tito. *C'est la vie!* Tens mais alguma curiosidade? — sondou Tamar.

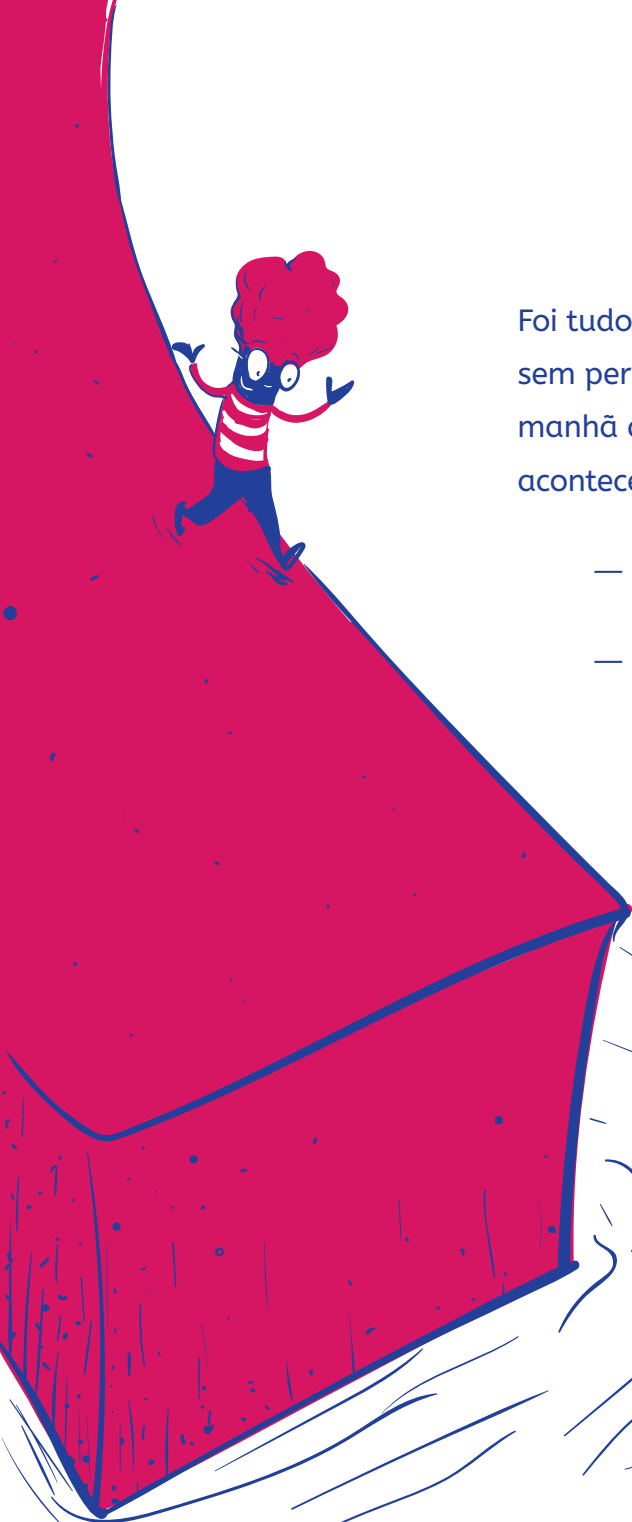
Aproveitando a deixa da tartaruga, Tito perguntou: — Tenho tantas, mas mesmo muitas, que nem sei por onde começar.

— Talvez pelo princípio — disseram Strike e Tamar em uníssono.

— Gostava muito de conhecer os misteriosos tesouros subaquáticos de que o meu avô tanto falava e acho que vocês podem ajudar-me — pediu Tito. E olhando pensativo para o céu disse: — Ele dizia que os tesouros guardavam muitas histórias.

Strike ajeitou as suas antenas e respondeu com prontidão: — Super Strike, guardião dos tesouros ao seu dispor.

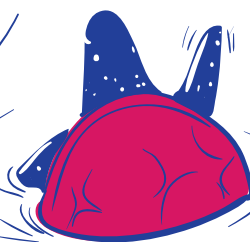
E, logo de seguida, Tamar apresentou a sua disponibilidade — Tito, alguma vez tiveste uma tartaruga como guia? — e finalizou, dizendo: — Tamar, a sua guia nesta viagem pelos tesouros do mar.



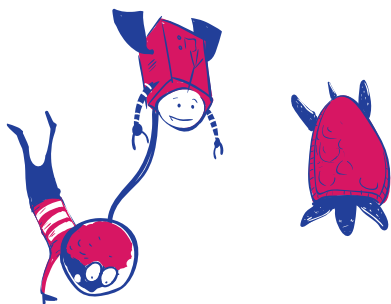
Foi tudo combinado no maior dos sigilos para que acontecesse sem perturbações alheias. Acordaram reunir-se ao início da manhã do domingo seguinte, nos degraus junto ao cais. E assim aconteceu. Domingo, bem cedo, lá estavam à hora combinada.

— Bom dia, amigos — disse Tito ao chegar ao cais.

— Bom dia — Strike e Tamar replicaram — Preparado para a grande viagem?



- Preparadíssimo. Mas, ao mesmo tempo, receoso do que posso encontrar — dizia Tito com algum nervosismo.
 - Vai tudo correr bem! Vais ficar encantado com as histórias que vais encontrar — disse Strike.
 - Afinal... São tesouros, histórias ou segredos! Estou a ficar confuso — questionava Tito.
 - São tesouros, histórias e segredos. Tesouros porque guardam muitas histórias. E segredos porque devem ser protegidos e salvaguardados para continuarem a pertencer à história de todos — esclareceu Strike.
 - «Para continuarem a pertencer à história de todos!» — repetiu Tito.
 - Sim. Os tesouros aqui existentes fazem parte da história universal, não devem ser roubados para fazer parte apenas da história de quem os roubou. Podemos dizer que estes tesouros são heranças da história, da história do mundo.
- E acrescentou Tamar — Se, por acaso, alguém encontrar algum tesouro, deve informar as autoridades para que estas possam protegê-lo. Percebeste?
- Acho que sim. Então, os tesouros são de todos e fazem parte do património comum de todo o planeta e, para os proteger, os *achadores* devem comunicar aos *guardadores* de heranças da humanidade — aclarou Tito.



— Muito bem. Agora, com tudo esclarecido, temos
que iniciar a nossa viagem, que já se faz tarde
— lembrou Tamar.

E, num mergulho, Tito juntou-se aos novos amigos
naquela que seria a viagem onde iria finalmente
ver, com os seus próprios olhos, muitas das coisas
de que o avô falava nas suas histórias.



Bem perto do local onde iniciaram a viagem, Strike, apontando para um baixio, bem perto do ilhéu que estava à sua frente, disse: — Este lugar foi, há muitos séculos, um local que servia de ancoradouro a barcos. No entanto, sempre que ocorria um temporal, os barcos cortavam as amarras que os prendiam às âncoras para evitar o seu naufrágio.

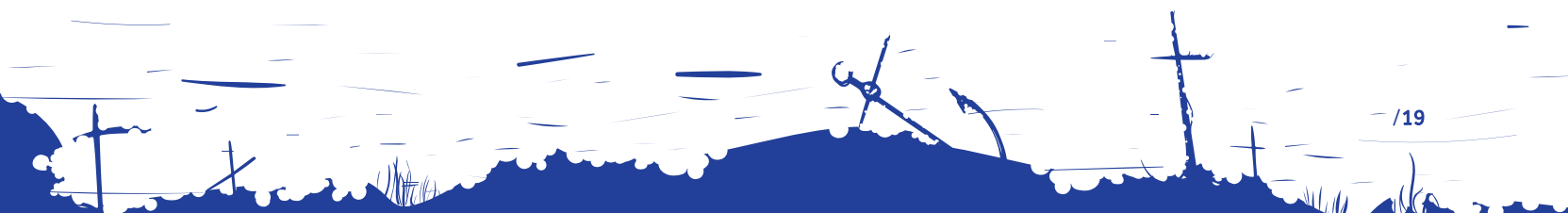
— As suas âncoras ficavam presas na rocha deste baixio e, por esta razão, o local ficou conhecido como cemitério — explicou Tamar.

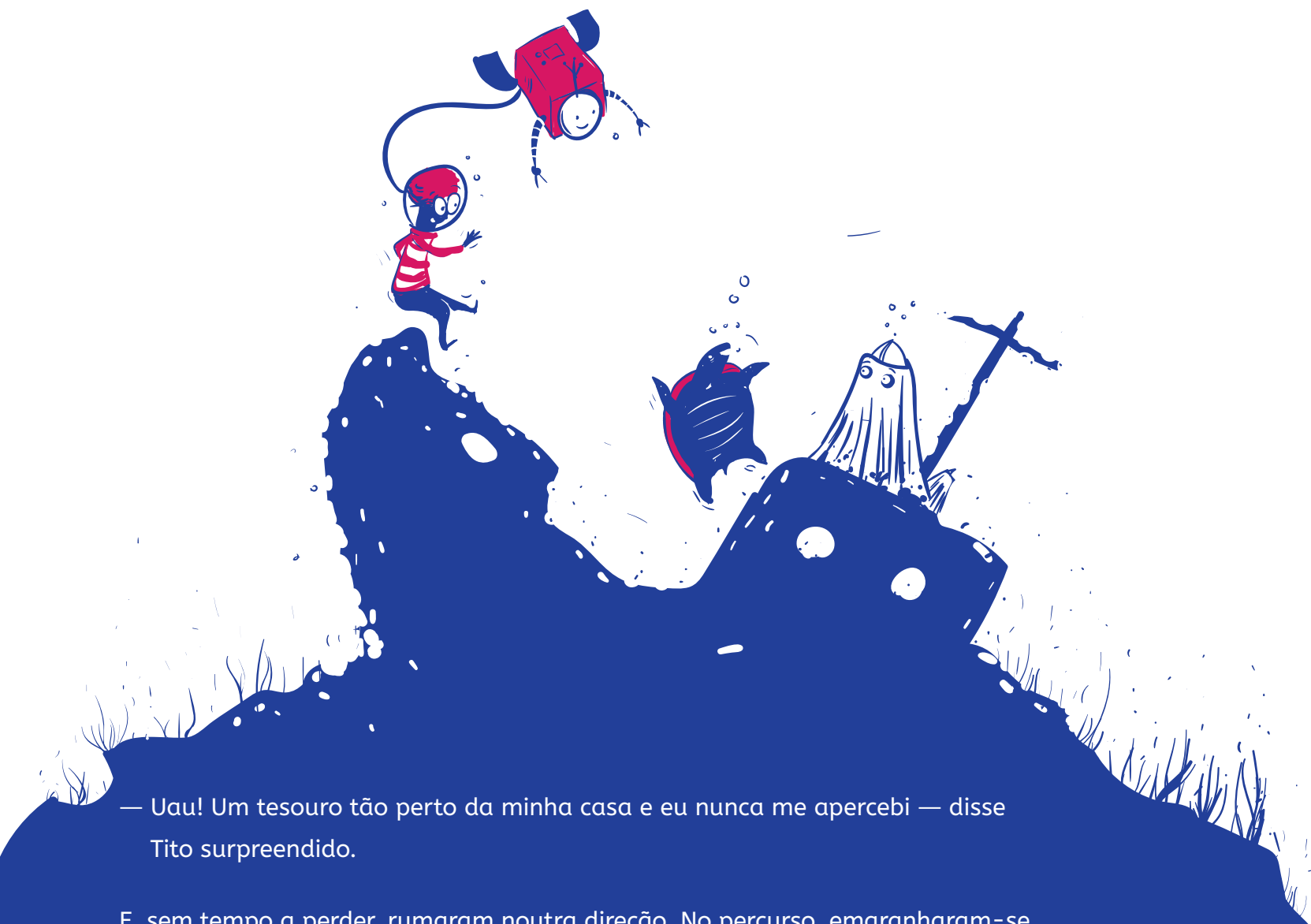
— Macacos me mordam! Cemitério?!

— Calma! Este é um «cemitério de âncoras». Foi assim, aliás, que este sítio ficou conhecido.

— Ah! Tranquilo — relaxou Tito. E, de repente, gritou: — Olhem! Olhem! — alertou Tito com entusiasmo, ao verificar que naquele local estavam espalhadas várias âncoras.

— Estas são as âncoras que deram nome a este lugar. Aqui encontram-se sete âncoras de ferro que pertenciam a barcos que por aqui passaram em tempos muito recuados — esclareceu Strike. E comunicou: — É este o primeiro segredo do mar e tesouro de todos nós.





— Uau! Um tesouro tão perto da minha casa e eu nunca me apercebi — disse Tito surpreendido.

E, sem tempo a perder, rumaram noutra direção. No percurso, emaranharam-se num grupo de algas que os obrigou a vir à superfície. Aproveitaram o episódio para espreitar ao seu redor. Constataram que estavam perto da costa, em frente a uma grande enseada. Voltaram a imergir no mar calmo e de águas límpidas em direção uma grande sombra.

Ao chegar aos restos de uma embarcação, transformada num recife artificial, Strike chamou por um amigo: — Ó da casa! Darwin. Darwin. Estás aí?

— Quem está aí? — perguntava Darwin espreitando na ponta do casco.

— Sou eu, Strike.

— Viva! Há quanto tempo. O que te traz por cá? — questionou com alegria Darwin.

— Estou numa *daquelas* viagens e, como sempre, trago um amigo. Apresento-te Tito, o neto do pescador Doraço — assim esclareceu Strike a passagem por aquele lugar.

— Olá, Tito — saudou Darwin.

— Olá! Moras aqui? — interrogou Tito sem tento na curiosidade.

— Sim. Não é fantástico viver numa casa que guarda tesouros com tantas histórias?! — revelou Darwin.

— E anunciou Tamar: — Tito, pelas palavras de Darwin, ficarás a conhecer outro segredo do mar.

- Muito bem! Sou todo ouvidos — Tito manifestou a sua disponibilidade para ouvir mais uma história.
- O que vêes são os destroços de um cargueiro chamado *Dori* que, quando naufragou, transportava toneladas de aço da Alemanha para Nova Orleães — e continuou Darwin.
- Esta é apenas a sua última história, mas, ao longo da sua vida, foi colecionando outras que o enriqueceram e tornaram especial.

Darwin continuou.

Lembrou que aquele barco fez parte de uma conhecida frota americana de navios construídos durante a II Guerra Mundial e que, por isso, foi considerado um símbolo da força industrial da América pela sua participação em diversas missões militares, como a das invasões à Normandia, a maior invasão de todos os tempos.

— Darwin, fala-lhe do nome — lembrou Strike.

— Ah! Claro. Sabias que este navio nem sempre se chamou *Dori*? Pois é, ao longo da sua vida foi batizado inúmeras vezes — lembrou Darwin.

Logo interrompeu Tito — Sempre ouvi dizer que dá azar rebatizar os barcos.

E continuou Darwin — *Edwin L. Drake* foi o seu primeiro nome e foi aquele que usou durante a guerra. Quando a guerra acabou, foi vendido e os seus novos donos rebatizaram-no: ele foi *Seadrake*, *Phoenix*, *Anassa*, *Praxiteles* e, finalmente, *Dori*.

— Ena! Tanto azar... Ops! Queria dizer tantos nomes — verbalizou Tito.

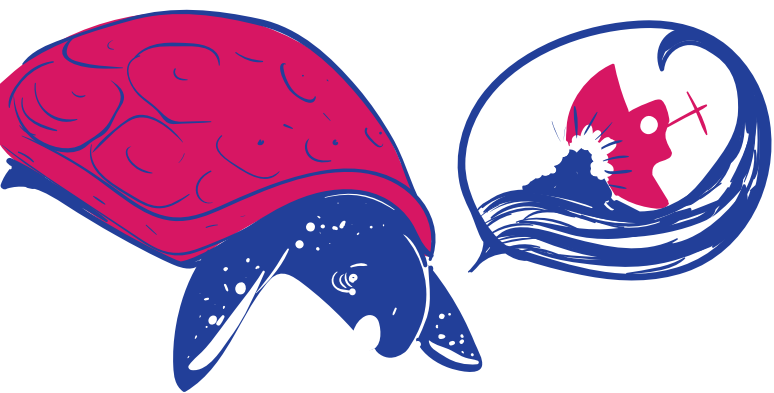
— Na realidade, não teve um final feliz, mas teve uma vida cheia de heroísmo. Por isso, o que resta do *Dori* é considerado um tesouro, pela importância que teve na história mundial — concluiu Darwin.

— Fantástico! Quem diria que um aparente amontoado de destroços guardasse tantas histórias de importância mundial — refletiu Tito.

— Nada é o que parece! Por isso, não nos devemos ficar pelo que vemos, pois corremos o risco de nunca conhecermos verdadeiramente a sua história — completou Strike.

Despediram-se de Darwin e rumaram para sul na direção da ilha de Colombo. Durante a viagem, cruzaram-se com um grupo de jamantas, curiosas e afáveis que, a dançar em rodopios, se aproximaram de Tito, provocando-lhe algum pânico.

Mas logo Strike e Tamar o acalmaram, lembrando que as histórias contadas no passado sobre aqueles gigantes não passavam de lendas e recordaram que estes são animais muito dóceis e não fazem mal a humanos.



— Atenção! Ali! Ali! Está ali alguma coisa — alertou Tito ao avistar uma aglomeração de objetos.

— Chegámos! — disse Tamar avançando para aquele amontoado. — Isto é o que resta do navio *Arnel*. Era um barco que transportava pessoas de umas ilhas para as outras. Um dia, zarpou de Vila do Porto em direção a Ponta Delgada, mas cruzou-se com uma tempestade que o empurrou contra um baixio, onde bateu com o casco e acabou por encalhar.



— Credo! Que horror! — reagiu Tito àquele incidente.

Strike continuou — O pior foi quando um grupo de dezassete passageiros assustados decidiu lançar à água uma das baleeiras para chegar a terra e pedir socorro.

— Oh, não! O que aconteceu? — perguntou Tito impaciente por saber o desfecho.

— Ora, o mar, que não estava para brincadeiras, virou a baleeira e catorze dos dezassete passageiros morreram — revelou Strike o desfecho da imprudente fuga.

— Chça! E os restantes passageiros salvaram-se? — perguntou Tito ansioso.

— Sim, os restantes ficaram a salvo — acalmou Strike. E Tito adiantou — E o *Arnel*?

— Oh! O *Arnel* não teve a mesma sorte. Dias depois de encalhar, soltou-se do baixio e foi contra a costa rochosa da ilha e afundou-se — explicou Strike.

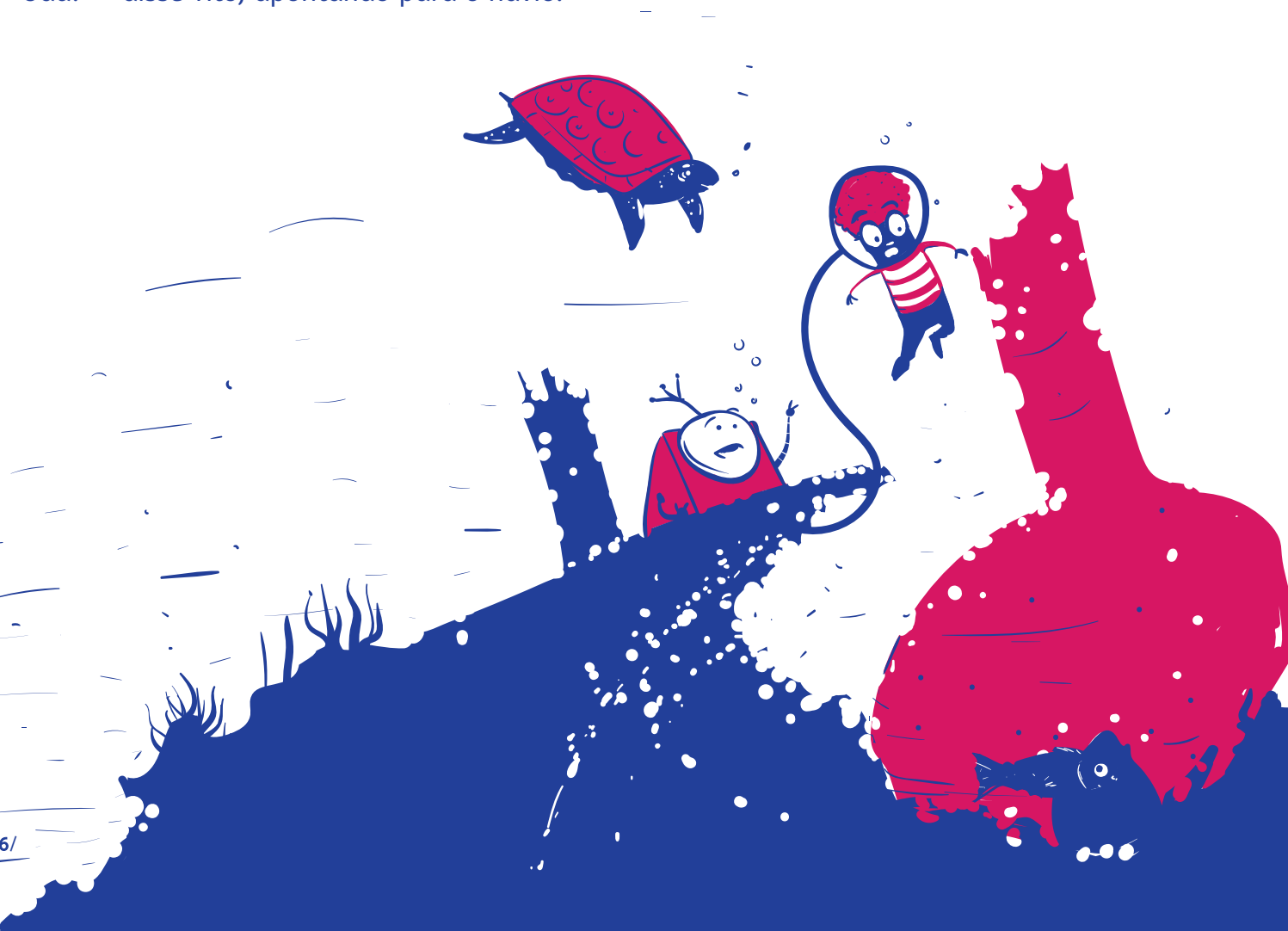
— E agora vais dizer que estes objetos são o que resta do *Arnel* e que são preciosos tesouros da nossa história? — apressou-se Tito a interpretar a razão daquela paragem.

— Já estás a entrar no espírito da viagem. Os objetos encontrados durante esta viagem contam histórias que vão muito além daquilo que observamos — afirmou Tamar.

— Os verdadeiros tesouros são objetos que nos contam histórias, como estes. Certo! — simplificou Tito.

Mas a viagem estava no início e, sem perder tempo, avançaram para a próxima paragem. A uma enseada, ocupada por uma praia formosa de águas cristalinas e areia clara, era visível a pouca profundidade toda a extensão de um navio chamado *Canarias*, ainda com mastros e caldeira.

— Uau! — disse Tito, apontando para o navio.



- É um cenário encantador, não é? Foi um vapor e chamava-se *Canarias* — expressou Tamar ao observar o navio rodeado de salemas e peixes-rei. E continuou — Mais uma vez, estamos perante um tesouro que guarda histórias fantásticas.
- Não pares! Continua! — implorou Tito num frenesi sem fim.
- Antes de naufragar, participou em muitas aventuras, nem todas corretas.
- O que queres dizer com «nem todas corretas»?
- Porque na sua vida, tanto serviu para transportar soldados que defenderam territórios e povos, como para transportar ilegalmente escravos — e continuou — Sabias que participou na Guerra dos Dez Anos? Pois é, transportou milhares de soldados que lutaram contra a independência de Cuba.
- Uau! É mesmo um navio importante. E como foi naufragar aqui? — perguntou Tito.
- Na sua última viagem, de Havana para Cádis, depois de levar mais de mil soldados, encontrou mau tempo perto da ilha de Santa Maria, que o empurrou contra a ilha.
— contou Strike.
- No entanto, segundo reza a história, afundou-se depois de um incêndio ateado pelo próprio capitão — acrescentou Tamar.
- E morreu alguém? — perguntou Tito apoquentado.

— Não. Todos ficaram a salvo!

— Ufa! Ufa!

Strike lembrou que, em tempos idos, a ilha estava na rota dos navios de tesouro espanhol que iam a Cuba abastecer-se de mercadorias valiosas como prata, ouro, anil, tabaco, açúcar e madeira de cedro. Muitos perderam-se em tempestades e hoje enriquecem o fundo do mar das ilhas dos Açores.

Dali aproveitaram a boleia de uma simpática e sorridente raia gigante e seguiram viagem até ao próximo destino.

Quando lá chegaram já era noite e a baía, que estava bem à sua frente, refletia os monumentos iluminados daquela cidade histórica.

— Uau! Que bonito — referiu-se Tito, ao espreitar à tona da água as luzes refletidas sobre a baía. E perguntou — Que lugar fantástico é este?

— Esta é a baía de Angra do Heroísmo, uma cidade muito nobre, reconhecida como património do mundo — respondeu Strike e continuou — Ocorreram aqui episódios de grande importância para a história de Portugal, durante a época dos descobrimentos portugueses.

— Fantástico! O passado tem esse poder extraordinário de nos deixar histórias incríveis.



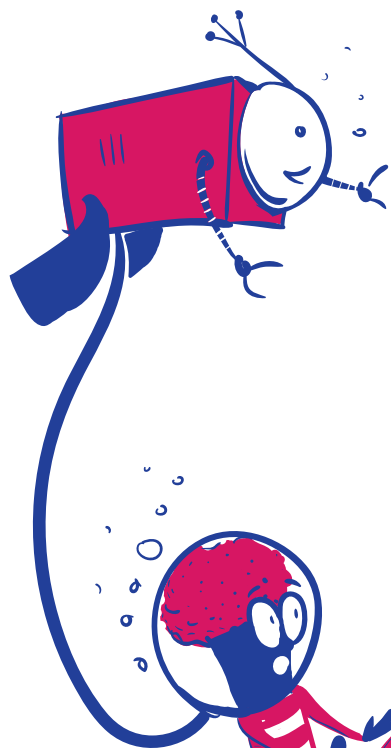
— Pois é, Tito, e irei contar-te mais uma dessas histórias — disse Strike.

— Ah, Strike! Como eu gosto das tuas histórias!

— Tito e Tamar sigam-me, por favor.

E, num mergulho, os três desceram às profundezas daquela angra heroica onde, a poucos metros de profundidade, se juntavam a um esqueleto metálico.

— Ena pá! O que é isto, Strike?



- Tem calma, Tito — acalmou Strike o sobressalto e a estranheza de Tito perante aquele volumoso objeto. E continuou — É apenas parte do convés de uma embarcação que foi muito importante num período da história mundial.
- Psiu! Silêncio que se vai contar uma história! — proferiu Tito em tom de brincadeira, acabando por desencadear estridentes gargalhadas ao grupo.
- Ah! Ah! Ah!
- Engraçadinho — disse Strike.
- Desculpa, Strike. Não resisti.
- Bem! Querem ouvir ou vão continuar na brincadeira?
- Tudo em nós são ouvidos.
- Estes destroços fazem parte do tipo de barcos chamados *Landing Ship Tank*. Foram construídos apenas 1000. Este foi o número 228. Foi muito importante durante a II Guerra Mundial, pois tinha a capacidade de transportar grandes quantidades de carga e era fácil de manobrar, o que permitia invadir rapidamente o território inimigo ou dele abalar.
- E como veio aqui parar? — perguntou Tito.

— Poucos meses depois de ser construído, veio a Angra do Heroísmo descarregar material para a construção da Base das Lajes, quando uma tempestade se abateu sobre a baía, empurrando-o contra os rochedos.

— Que desgraça!

— Felizmente, não houve vítimas, apenas danos materiais — lembrou Tamar.

— Hoje restam apenas poucos vestígios do *Landing Ship Tank*. Não só porque se foram perdendo com o vai e vem das ondas e das correntes marítimas, mas também porque, naquele tempo, os habitantes da ilha foram retirando peças, que vendiam a sucateiros, utilizando o dinheiro para remediar algumas necessidades daquela época — concluiu Strike.

— Ainda bem! O que, à partida, seria ferro-velho e não teria qualquer utilidade foi aproveitado para suprir necessidades dos mais desfavorecidos — comentou Tito.

— Eram tempos de muita carência! — lembrou Tamar.

Absorvidos por aquela história, ficaram mais algum tempo a nadar em volta do convés do *Landing Ship Tank*. Depois, Strike voltou à sua postura de guia daquela viagem e seguiram para um local conhecido por *cemitério das âncoras*.

— Amigo, chegámos a um lugar que tem tanto de encantador como de enigmático.

— Hã? Adoro enigmas! — proferiu Tito.



- Sabes onde estás, Tito? — mas, antes que obtivesse resposta, Strike revelou o local.
- Estás num cemitério.
- Outra vez! Desta vez não me assustas. E o que vamos encontrar neste cemitério?
- Âncoras?
- Sim, âncoras... Muitas âncoras. Encontram-se aqui depositadas mais de quarenta âncoras.
- Ah! Âncoras. Como vieram aqui parar? E os barcos donos dessas âncoras, onde estão?
- questionou Tito intrigado.
- Sabes, Tito, o porto da baía de Angra do Heroísmo foi, em tempos que já lá vão, um porto de paragem obrigatória para os navios que, vindos da Índia, África e Brasil, tinham como destino a Europa. Aqui, resguardavam-se dos ventos menos favoráveis, mas, sempre que o *vento carpinteiro* soprava, os navios eram empurrados contra as rochas e ficavam desfeitos.
- *Vento carpinteiro*?! Que vento é esse? — interrogou Tito.
- Era um vento muito forte, conhecido por provocar naufrágios, que faziam chegar à costa pedaços de madeira das embarcações despedaçadas. Por isso, passou a chamar-se *vento carpinteiro*.

— Eh, pá! Não tinha pensado nisso — dizia Tito ao constatar a justificação do nome dado ao vento destruidor. E continuou — Mas... E as âncoras! Onde estão?

— Já lá vamos, Tito. Já lá vamos.

Dali seguiram Strike, que os levou a observar algumas das âncoras ali *sepultadas*.

— Muitas das âncoras por aqui espalhadas são de navios que, fugindo ao vento carpinteiro, cortaram a corda que os prendia à âncora.

— Desventurados aqueles que tiveram o desprazer de conhecer o *vento carpinteiro*.

— Atenção! Nem todas as âncoras são de navios que se cruzaram com o temido vento. Certamente, algumas estão aqui *enterradas* por outras causas, que não o vento.

— Cemitério de âncoras, livra! Strike, vamos zarpar daqui.

— Tito, não te amedrontes. Quando sentires medo, lembra-te de que és neto de um pescador destemido e bravo mareante.

Por ali ficaram a contemplar as várias âncoras dispersas e a ouvir atentamente os conhecimentos de Strike, sempre a lembrar que aquelas âncoras eram importantes testemunhos da história e prova da passagem de imensas embarcações por aquela baía. Dali Strike e Tamar convidaram Tito a visitar dois dos catorze naufrágios existentes ao redor da ilha Graciosa. Ao chegar a um amontoado de peças metálicas, Tito apercebera-se de que tinham chegado ao destino.

— Eh pá! Temos aqui muito material — referia-se Tito aos vestígios que acabara de encontrar.

— São de um vapor italiano que vinha de Baltimore com destino à Argélia com um carregamento de carvão. Chamava-se *Mazzini* e terminou aqui a sua vida.

— Mais um desventurado!

— Calma! Ninguém morreu e muita da carga do vapor foi recuperada pelos habitantes da ilha, sendo que alguns dos seus objetos, ainda hoje, podem ser encontrados em muitas casas particulares e até no museu local.

— Do mal, o menos — rematou Tito.

Surpreendidos por uma tempestade, os três *viajantes* procuraram um lugar seguro para se protegerem. Acabaram por abrigar-se, com alguma hesitação de Tito, numa estrutura retangular que se encontrava perto dos restos metálicos do *Mazzini*. A trovoadas e a agitação do mar acabaram por provocar no grupo alguma inquietação.

— Strike, tu é que és o senhor dos mares. Achas que estamos a salvo, aqui?

— Homessa! Coragem! Já te esqueceste do que te disse?

— Sim! Sim! O destemido avô Doraço. O bravo mareante, certo. Achas que, com esta agitação, consigo concentrar-me em algum pensamento?!



— Calma, Tito. Confia em mim. Estás seguro? — e, para distrair Tito, começou a contar uma história — Sabes onde estamos?

— Achas?! A turbulência do mar e os clarões dos relâmpagos fizeram-me perder o norte.

— Ânimo, Tito, ânimo. Estás num lugar com história. Este é um dos contentores que fizeram parte da carga do porta-contentores Corvo, que viajava abastecido de iguarias para o Natal, que estava quase a chegar. Mas, ao aproximar-se da ilha, uma tempestade, talvez como esta, empurrou-o contra a costa e aqui ficou.

— Ufa! Ufa! Pelo menos, restou este contentor para lembrar a história e para nos proteger esta noite.

Acabaram por passar toda a noite ali. Foram-se juntando anchovas, bicudas, peixes-porco e até um cação resmungão, que passou toda a noite a reclamar da falta de espaço.

Passada a noite tempestuosa, Strike prosseguiu a viagem, comandando Tito e Tamar em direção aos destroços de uma antiga fragata, depositados em frente à vila da Calheta, da ilha de São Jorge.

— Amigos, sejam bem-vindos a mais um lugar encantador e com história. E querem saber porquê?

— Força, Strike!

— O que vemos são apenas algumas das peças do lastro de uma antiga fragata, bem diferente das que existem hoje. Estas embarcações eram um importante apoio aos comboios navais. Eram elas que assumiam a frente das armadas, sendo as primeiras a localizar o inimigo.

— Eram tipo guarda-costas?

— Bravo, Tito, isso mesmo!

— E tinha nome, a fragata?





— Sim, senhor. Chamava-se *Her Majesty Ship Pallas* e foi um importante navio batedor tendo, ao longo da sua vida, participado na Guerra dos Sete Anos e na Guerra da Independência da América.

— *Her Majesty Ship Pallas*, o bravo das guerras.



— E não só. Também foi um importante protetor de navios comerciais contra os corsários que estavam sempre à espreita.

— E como é que veio aqui parar?

— Integrava um comboio naval mercante, que tinha partido da Nova Escócia em direção à Inglaterra, quando foi



surpreendido por uma tempestade que provocou danos avultados na sua estrutura. O *HMS Pallas* teve que abandonar o comboio naval e dirigir-se ao porto mais próximo.

— Mal-aventurados! E vieram aqui parar!

— O porto mais próximo localizava-se na cidade da Horta mas, mais uma vez, os ventos desfavoráveis não permitiram que atracasse e empurraram-no para a baía da Vila da Calheta.

— Raios!

— E só ficou aqui porque o comandante lhe ateou fogo, por não lhe encontrar outra solução possível.

Strike, o guia desta viagem, ainda tranquilizou Tito, lembrando que tripulantes e carga ficaram a salvo e sugeriu que, um dia, Tito visitasse o museu local para apreciar objetos de cerâmica, peças em cobre e moedas pertencentes ao *HMS Pallas*. Nas proximidades deste naufrágio, Strike iria conduzir Tito àquele que é considerado um dos últimos barcos negreiros do mundo.

— Sabes o que são? — perguntou Strike ao deparar-se com três âncoras cobertas por vegetação.

- Claro que sei. São âncoras. Mas... Mas... Não me digas que estamos novamente num cemitério!
- Negativo, amigo — e explicou — Estamos diante do que resta de uma barca francesa.
- *Oui! Oui!*
- Era um barco negreiro.
- Nегreiro! O que é que isso quer dizer? Era um barco de cor negra?!
- Claro que não, Tito. Que disparate! Os barcos negreiros eram barcos que partiam da Europa em direção à costa africana para embarcar escravos para os vender nas Américas. No entanto, para disfarçar o seu verdadeiro negócio, transportavam sempre diferentes produtos das localidades onde deixavam os escravos.
- Ena, pá! Escravatura. Isso é um assunto muito sério!
- Pois é... Ou melhor, pois foi. Felizmente, foi abolida. A barca francesa foi um dos últimos a fazê-lo — esclareceu Strike.
- A grande e elegante barca chamava-se *Mont-Ferran* mas, na ilha onde encalhou, ficou conhecida por *barca da linhaça* porque vinha carregada de linhaça, que escapou pelo rombo do casco e se espalhou pela baía da Calheta — acrescentou Tamar.

Foi castigo por fazer o que não devia... Escravatura. Bem feita!

Strike lembrou que a barca *Mont-Ferran* serve, hoje, para recordar que a escravatura existiu e que nem tudo foi bom na expansão europeia. O facto de terem sido encontradas algemas e gargalheiras na barca comprovou a ilegalidade realizada na sua última viagem.

Dali seguiram para visitar um amigo de longa data de Strike e Tamar, a baleia-azul chamada Krill, que vivia entre as ilhas do Pico e Faial.

— Tito, vamos levar-te a conhecer uma amiga nossa.

— Uma amiga. Hum!

— Sim, uma grande amiga... Uma gigante amiga... A Krill, uma baleia-azul.

— Uau! Nunca vi nenhuma. Onde é que ela está?

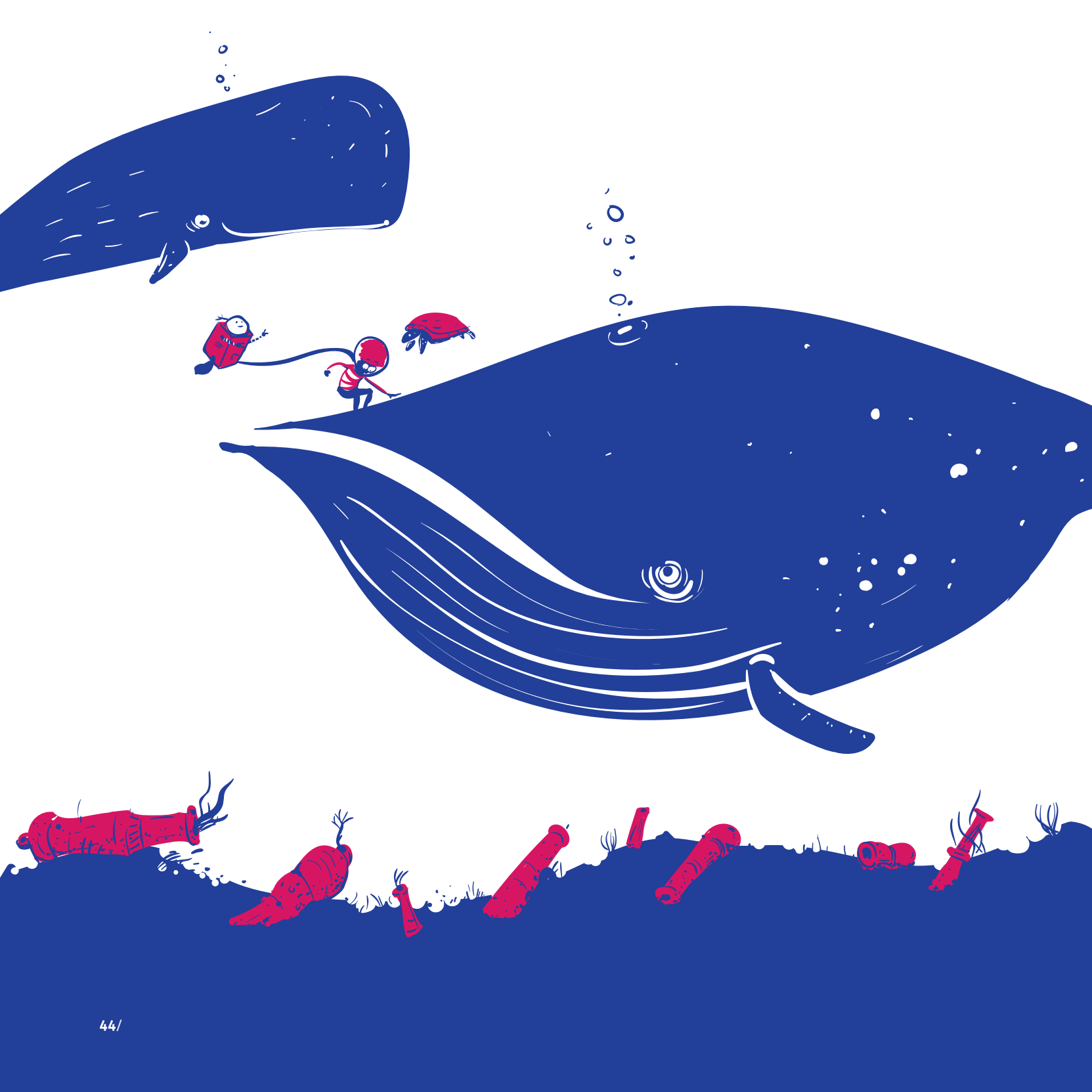
— Calma, estamos a chegar.

E, bem perto de uma baixa, lá estava Krill acompanhada pelo seu companheiro inseparável, Cachau, um velho cachalote.

— Ora viva! Sejam bem-vindos. Trouxeram um amigo!? Como te chamas, rapaz?

— Sou o Tito.

— É o neto do Doraço.



— Oh! Velho Doraço, o nosso contador de histórias. Mas o que vos traz por cá?

— Viemos mostrar ao Tito alguns dos tesouros do mar e lembrei-me de que podiam juntar-se a nós. Podiam levar-nos até vossa casa.

— *Follow the leader, please!* — disse Krill.

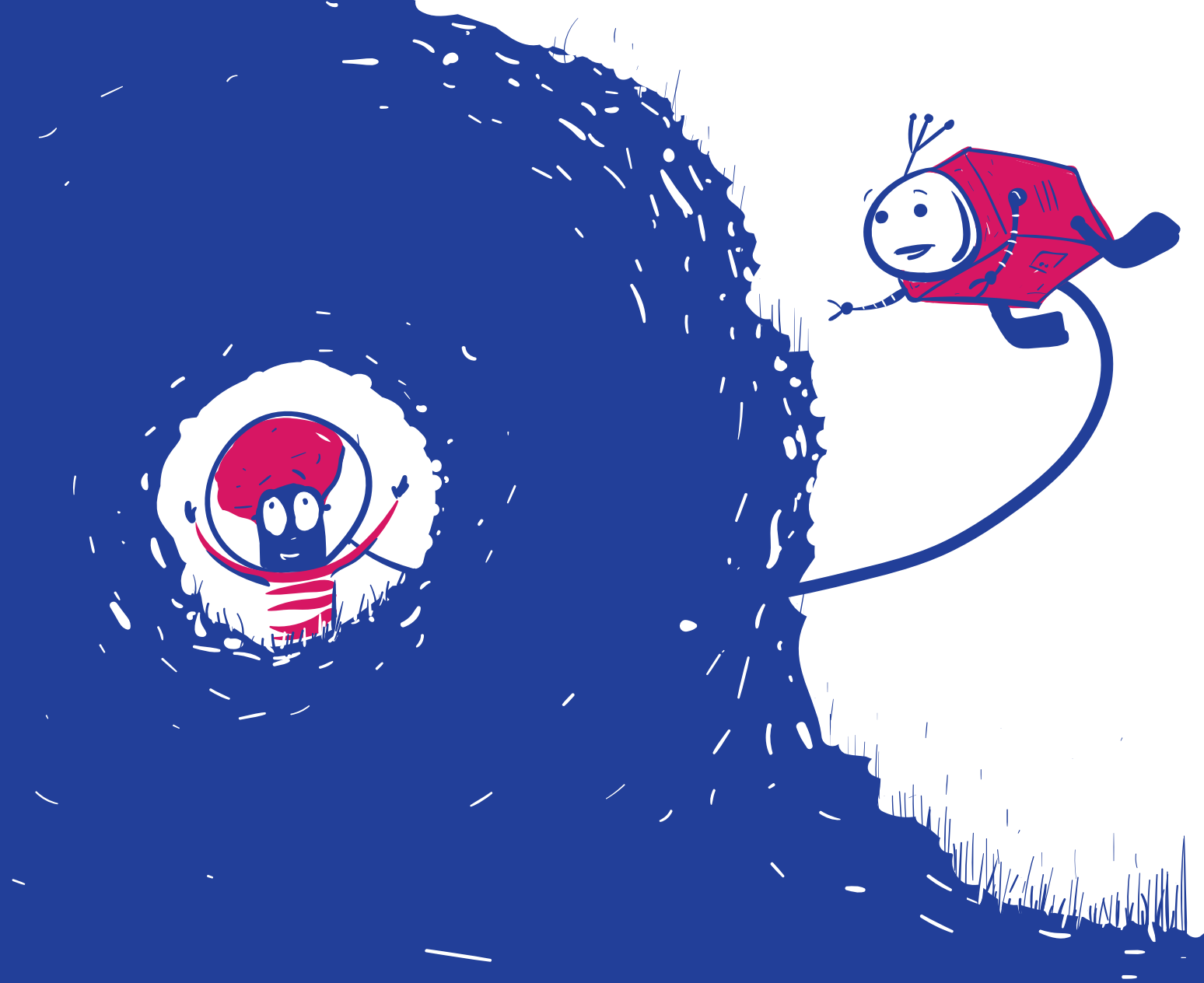
E lá foram em fila indiana atrás da Krill até à baía, conhecida por Núcleo de Canhões, por aí terem sido guardadas dezenas de canhões. Muitos deles decoram a casa da baleia amiga.

— Ena, pá! Que decoração! — disse Tito em tom de brincadeira.

— São tesouros. A minha casa tem mais de trezentas peças de grande valor cultural, canhões, âncoras, balas de chumbo, presas de elefante, peças de cerâmica e de vidro.

— A tua casa é mais que um museu.

— Na verdade, nesta baía encontraram sinais de mais de trinta naufrágios: uns eram navios da II Guerra Mundial, outros eram navios da marinha mercante carregados de mercadoria. Um desses navios era inglês e vinha carregado de presas de elefante com mais de dois metros de comprimento. Muitas dessas presas estão agora a decorar a nossa casa.



- Krill, adorei conhecer os tesouros que guardas na tua casa. Devem ser muito importantes para ti?
- São muito mais importantes para a história deste lugar do que para mim, pois são provas de que o porto da Horta prestava um importante apoio aos navios que cruzaram os *mares* dos Açores.
- Um porto que nem sempre foi um bom abrigo... Afinal, foi aqui que muitos encontraram o seu fim. Mas foi graças a esses episódios menos felizes que, hoje, este lugar guarda e preserva tesouros únicos e histórias encantadoras.

Despediram-se de Krill e de Cachau e seguiram em direção à vila da Madalena, onde se encontraram com o veleiro francês *Caroline*, ou o que resta dele — uma embarcação que representa aquilo que foi o comércio internacional realizado pelas grandes companhias privadas no séc. XIX.

- STOP — disse Strike ao grupo.
- O que se passa, Strike? — perguntou Tito.
- Observa à tua volta.
- Hum! Deixa-me abrir bem os olhos. Já vi. Já vi.
- O que é que vês?

- Parece-me o lastro de um navio.
- Bravo, acertaste. É o lastro de um veleiro francês chamado *Caroline*, que pertencia a uma companhia franco-chilena de grande importância mundial.
- Importância mundial! Porquê?
- Porque explorava e transportava salitre potássico, também conhecido por nitrato do Chile, utilizado como fertilizante nos cansados solos europeus, mas também como um componente de explosivos, essenciais durante vários períodos de guerra.
- Ah! Penso que percebi. Explorava um mineral muito importante na sua época.
- Isso mesmo. As fábricas de nitrato do Chile foram tão importantes durante um período da história mundial que foram declaradas Património Cultural da Humanidade.
- Isso é que é reconhecimento. Mas, então, explica-me como o *Caroline* veio a encalhar aqui? — Perguntou Tito.
- Uma falha nos instrumentos de navegação trocou as voltas ao comandante e, quando pensava estar perto da ilha das Flores, estava perto do Faial, encontrando pela proa a ilha do Pico, onde acabou por encalhar.
- Que azar!

— No entanto, hoje, este local onde se encontram os restos do *Caroline*, para além de guardar a sua história, conserva grande biodiversidade de espécies marinhas, como microalgas e corais.

— Uau! Assim, o *Caroline* continuará vivo.

Dali nadaram até dois ilhéus que se encontravam entre as ilhas do Faial e do Pico. Por ali ficaram a brincar com salemas e abróteas que habitavam naqueles ilhéus, até que se juntou à brincadeira meia dúzia de golfinhos, que guiou os viajantes até bem perto da costa da ilha do Pico, junto à igreja de Santa Margarida. O sítio localmente chamado *Janela* foi apresentado pelo golfinho mais tagarela.

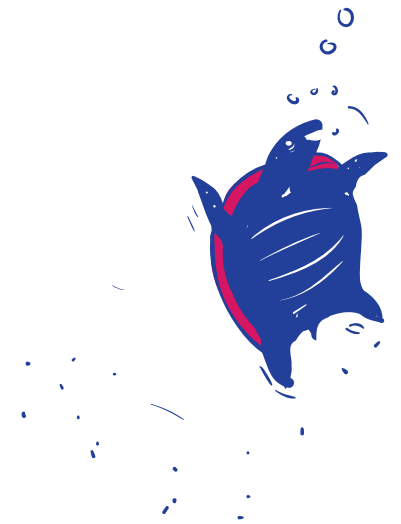
— Há muitos anos... Olha, no século passado, uma corrente marítima fez encalhar, precisamente neste local, um vapor americano, o *Lakeside Bridge*.

— Com sorte e a ajuda dos picarotos, foi possível retirar muitos dos seus objetos e toda a tripulação se salvou — acrescentou Strike.

— Abençoados picarotos! — proclamou Tito.

A viagem estava a chegar ao seu fim, mas Strike queria desvendar ainda mais uns tesouros do mar a Tito. Por isso, despediram-se dos afáveis e agitados golfinhos e partiram rumo à derradeira descoberta, o *Slavónia*.

- Tito, muito antes da chegada do correio eletrónico, as mensagens eram enviadas em papel de carta e transportadas por veleiros do *Post Office*. Estes veleiros eram os únicos autorizados a transportar correio.
- Caramba! Isso devia ser uma eternidade para receber notícias. Devia ser desesperante!
- Eram outros tempos, Tito. No entanto, depois dos barcos à vela, as malas de correio passaram a ser transportadas por barcos a vapor. O que resta dele está bem à nossa frente. Chamou-se *Yamuna* e, depois, *Slavónia*, como hoje o conhecemos.
- A mania de rebatizar os barcos. Parece que desconheciam o velho ditado marítimo, que diz que renomear navios é sinónimo de má sorte — lembrou Tito.
- Parece que ignoraram essa máxima. E o que é certo é que, passado pouco tempo depois da sua viagem inaugural, foi vendido e remodelado pelos novos donos, que tinham outros planos.
- Hum! Outros planos?! Que planos foram esses?
- Além de ser *Post Office*, transformou-se num transatlântico, onde passou a transportar emigrantes europeus para o continente americano, que procuravam o *American Dream*. Com a remodelação passou a chamar-se *Slavónia* e foi numa das





suas viagens de regresso, em que transportava abonados de Nova Iorque para Liverpool, que o pior aconteceu.

— Hum! Não estou a perceber. Transportou correio e pessoas em busca de fortuna e, quando transportava endinheirados para gastarem as suas fortunas em cidades europeias... Crash!

— E foram precisamente os ricos, que viajavam em primeira classe, os responsáveis pelo naufrágio do *Slavónia*.

— Então porquê? — interrogou Tito.

— O *Slavónia* cruzava o oceano Atlântico com destino a Itália, quando alguns passageiros enviaram um bilhete ao comandante, expressando interesse em observar de perto algumas das ilhas dos Açores. Para satisfazer a vontade dos seus ilustres passageiros, o comandante alterou a rota e sofreu as consequências. Fortes correntes marítimas e um denso nevoeiro acabaram por afastá-lo do percurso previsto pelo comandante.

— E depois? E depois?

— Depois foi o seu fim. O desejo dos passageiros foi concedido, no entanto, o comandante perdeu forças com as máquinas e a proa do *Slavónia* acabou por afocinhar na costa da ilha das Flores.



— Credo! Isso deve ter sido cá um susto!

— Bem podes ter a certeza! — reforçou Tamar.

— Depois de emitido um S.O.S., passageiros e tripulantes ficaram a salvo. No entanto, hoje, os destroços do navio com alguma da sua carga ainda aqui estão.

— Caramba! Isto é monumental!

Perderam-se numa observação meticulosa aos restos do *Slavónia*, trespassando-os cuidadosamente para não os desviar, milímetro que fosse, do local onde a história os colocou.

Perto do *Slavónia*, destroços de outro naufrágio decoram e enriquecem os fundos marinhos que rodeiam a ilha das Flores e fazem as delícias dos amantes de arqueologia subaquática. Foi com grande entusiasmo que seguiram até lá, para a descoberta do último tesouro daquela viagem.

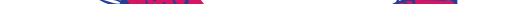
— Amigos, estão animados para conhecer o derradeiro tesouro desta viagem?

— Já!

— Sim, Tito, esta viagem está a chegar ao fim. Mas teremos mais oportunidades de fazer outras viagens.

Uau! Estarei sempre disponível para fazer estas viagens de descobertas que nos fazem sentir autênticos exploradores. Agora entendo aquele entusiasmo do avô Doraço a contar as suas histórias.

Então, aqui vai mais uma história para guardares ou partilhares como o teu avô — E, apontando para objetos espalhados pela areia do fundo, disse: — Estes objetos são os vestígios de um antigo cargueiro chamado *Papadiamantis*.



— Ah! *Papadiamantis*. É o nome de um conceituado escritor grego.

— Pois é, mas não sei se essa foi a razão do batismo. — E continuou Strike — Quando encalhou, vinha de Nova Orleães com destino a Hamburgo carregadinho de cereais e leguminosas.

— E o *Papadiamantis* sempre foi cargueiro ou também teve outras funções e nomes?

— Antes de ser cargueiro, foi um petroleiro e com grande importância em diversos teatros de guerra, como na Guerra do Pacífico ou na da Indochina. E, quanto a nomes, antes de ser batizado *Papadiamantis* foi *Rainier*, *Ardeshir*, *Langeais* e *Caribbean Wave*.

— Ena! Tantos nomes. Está comprovado, é muito comum ignorar os ditados do mar, principalmente aqueles que estão relacionados com os rebatismos.

Fizeram a viagem de regresso ao cais da vila encavalitados num cachalote simpático. No dia seguinte, a população estranhou a ausência de Tito nas escadas do cais e, preocupada, passou pela sua casa. E, lá estava ele, sentado no alpendre do avô Doraço e rodeado por alguns amigos. Tito contava a sua viagem pelos tesouros do mar.

— Andaste desaparecido, Tito! — comentava um amigo.

— Fui fazer uma viagem — respondeu Tito.

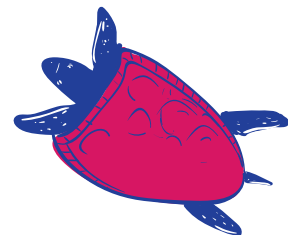
— Uma viagem!

— Sim. Lembram-se das histórias de tesouros do mar que o meu avô contava? Fui visitá-los.

— Os tesouros de que o teu avô falava!? — perguntou outro amigo.



- Há um sem-fim de tesouros no nosso mar.
- E porque não trouxeste um para nos mostrar?
- São tesouros para observar. Não para mexer! Muito menos para roubar! Fazem parte da nossa história. São uma herança cultural que pertence a todos nós.
- Herança! Eu tenho uma herança!?
- Os lugares e objetos com histórias deixadas pelos nossos antepassados fazem parte da herança. O que temos no presente será a herança que iremos deixar às gerações futuras — esclareceu Tito. E continuou — Esses lugares e objetos têm valor porque provêm do nosso passado.
- Hum! Deixa ver se percebi — disse um amigo. E continuou — Esses tesouros revelam histórias do nosso passado, fazendo parte da nossa identidade cultural e, por isso, devem ser protegidos por todos.
- Isso mesmo. Boa!



— A viagem foi um mergulho nos tesouros da nossa história. Ao revelá-los pretendo, tal como o meu avô Doraço, reforçar o vosso sentimento de identidade cultural e desenvolver um sentido de responsabilidade, lembrando que os tesouros fazem parte do património arqueológico dos Açores e do mundo.





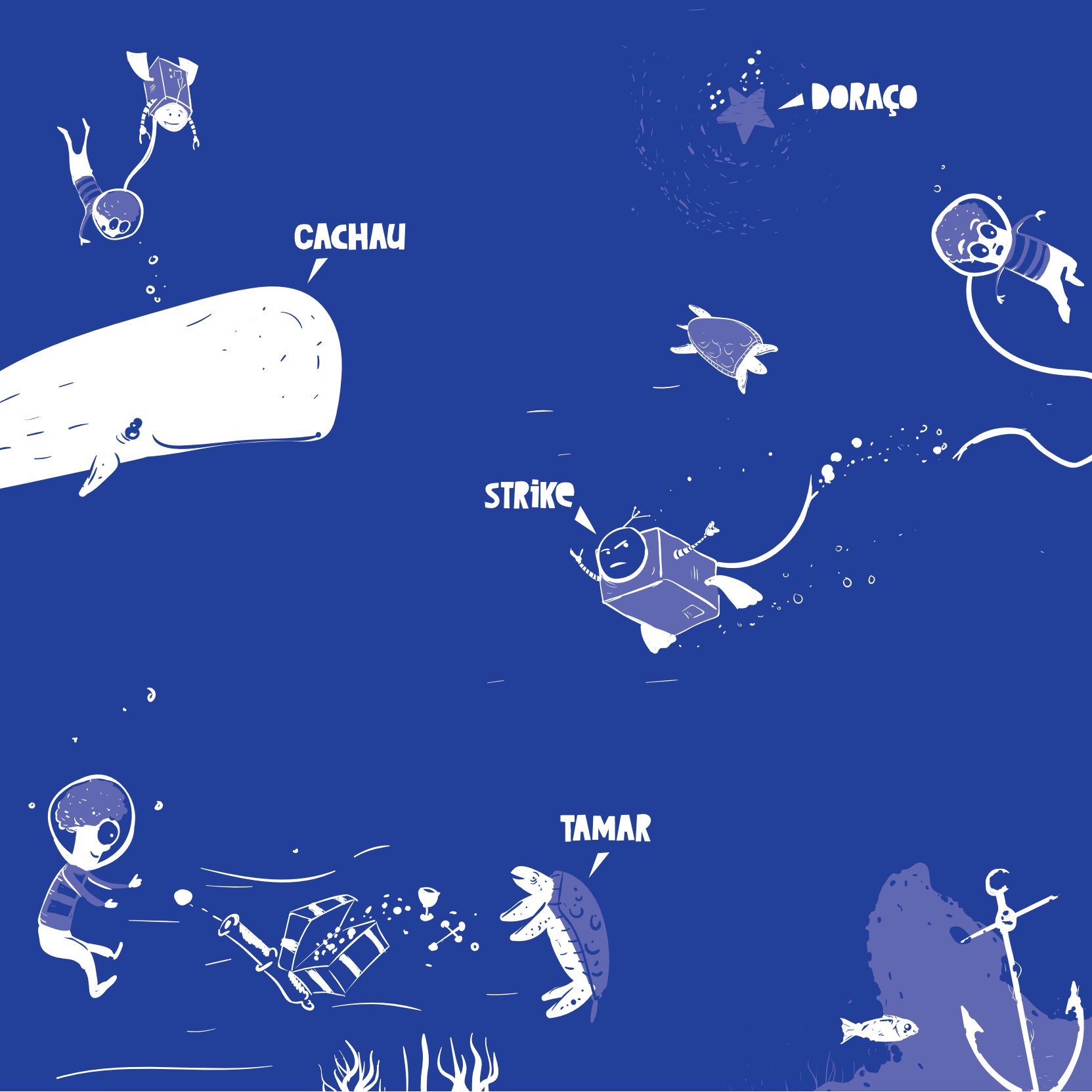


DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA

Palacete Silveira e Paulo
Rua da Conceição
9700-054 Angra do Heroísmo
Terceira . Açores . Portugal
drac.info@azores.gov.pt

<http://culturacores.azores.gov.pt/>



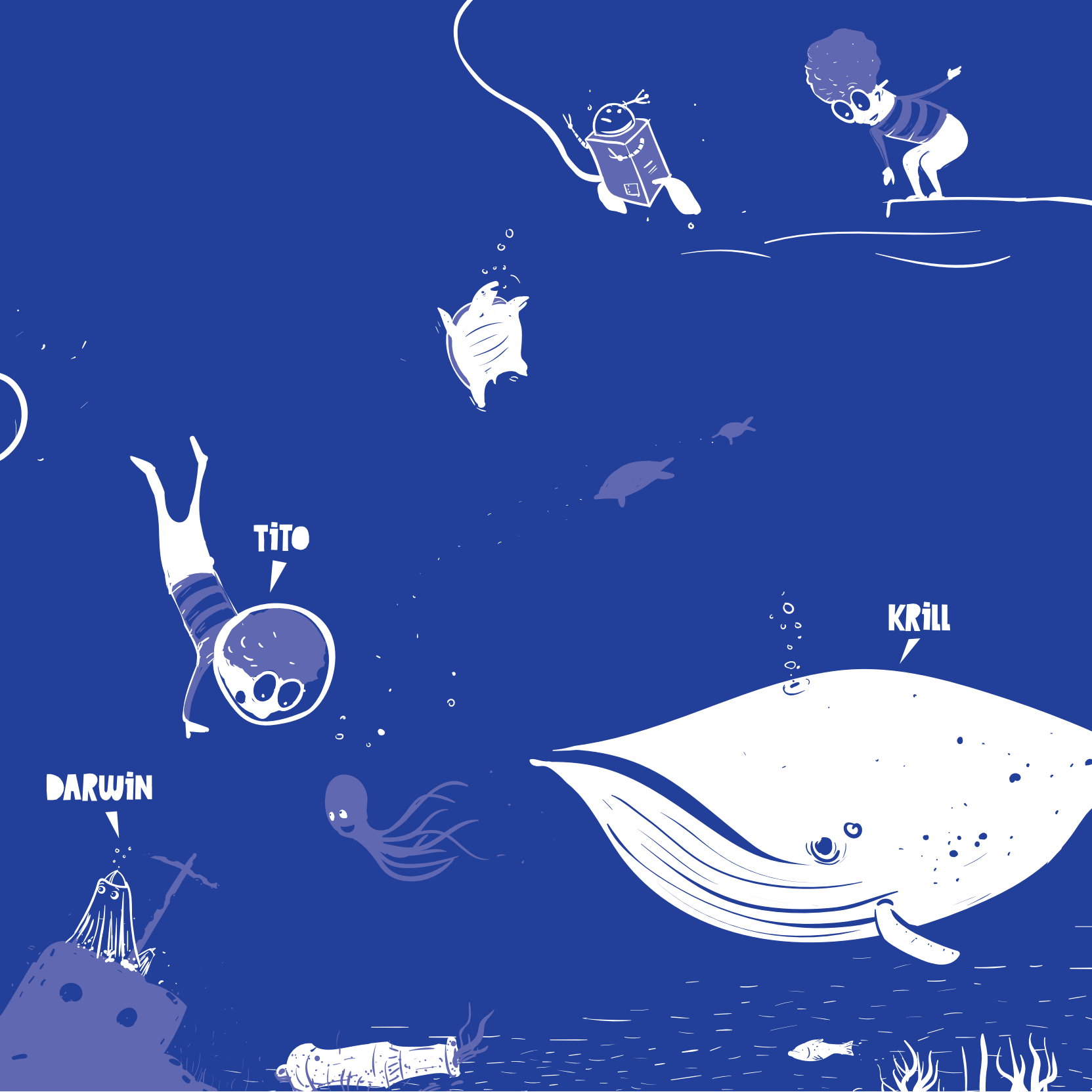


CACHAU

DORAÇO

STRIKE

TAMAR





Edição da Direção Regional da Cultura
no âmbito do Projeto Margullar,
cofinanciado por MAC 2014-2010/ Interreg


Governo dos Açores
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura


Margullar


MAC 2014-2020
Cooperação Territorial

Interreg 
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional